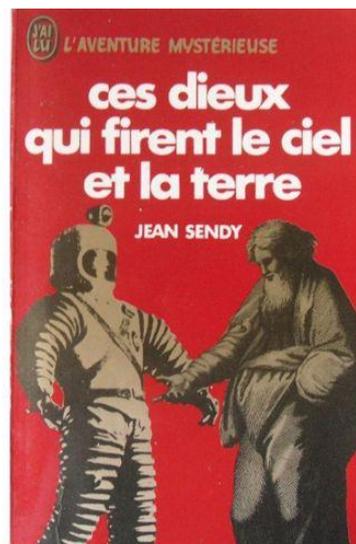


## RECENSÕES CRÍTICAS

Manuel Boaventura Pereira da Silva,  
Universidade de Lisboa para a Terceira  
Idade (ULTI)



A obra de Jean Sendy intitulada *Os Deuses que Fizeram o Céu e a Terra* (*O Romance da Bíblia*) foi editada pela Livraria Bertrand (4.<sup>a</sup> edição, ano 1978), integrada na colecção "Enigmas de todos os tempos", no original *Ces dieux qui firent le ciel et la terre*, de 1969, de Robert Lafont. Composto com tipo graúdo, cada página, tamanho A-5, tem apenas 32 linhas cada uma das quais, em média, possui apenas sete palavras de mais de 2 caracteres. O texto, extremamente legível, é pontuado por algumas ilustrações demonstrativas.

Em 1969, ano do lançamento, ocorrera a primeira alunagem humana, de que o livro se faz eco, circunstância esta que será a causa próxima da publicação.

O autor apresenta o livro como sendo a tese, e sua defesa, de que o cosmos foi criado por cosmonautas, identificados na tradição como sendo os deuses, que figuravam na descrição bíblica original, escrita em caracteres hebraicos primitivos,

tudo anterior à implantação do monoteísmo. Tais cosmonautas teriam desembarcado duma grande nave destinados a estarem na Terra (velho lugar do observador) durante centenas, ou mesmo milhares de anos. Seriam mamíferos, machos e fêmeas e, por mero acaso, também de figura humana - a tal medida de todas as coisas - cosmonautas que o autor passa a designar por "celestes".

Criação: a descrição que adapta é incongruente, como o pormenor de pôr cosmonautas a criar o cosmos, enfim, não passará, passaria, de mais um contributo para discussões cosmogónicas; mas fá-lo conscientemente ao referir a transcrição de linguagem figurada, nada factual.

Moisés é apresentado sem qualificativos mas, ao contrário do Judaísmo em que é referido como unicamente pastor<sup>1</sup>, é citado como cortesão, filho adoptivo da filha do faraó, e sacerdote do culto do deus Ámon, pouco sabedor em artes mágicas dada a sua limitada idade ao decidir encabeçar o movimento do povo hebreu - apenas exibia a transformação de uma serpente num pau e vice-versa - quando iniciou as suas diligências junto do faraó, sem qualquer êxito.

Face ao insucesso, Moisés recolheu-se à montanha de Madiã para, junto de quem sabia, melhorar os seus conhecimentos mágicos. Quando se sentia confiante desafiava novamente o faraó e os seus sacerdotes, repetidamente com resultado negativo, mas, ao fim de novas lições em Madiã, o faraó, tendo os seus apoiantes sido incapazes de ripostar aos poderes demonstrados por Moisés, anuiu em deixar partir os Semitas para o início do seu Êxodo.

Omitida no livro é a obra de Moisés (o Pentateuco não o será com uma certeza absoluta) de construção da Arca da Aliança, célebre pelos seus mortíferos poderes de autodefesa mediante poderosas descargas eléctricas. À Arca acabou por se perder o rasto - como a tudo aquilo que é orgânico ou consumível.

A estrutura interna da Arca, de madeira da leguminosa acácia (tal como de leguminosa é o afamado pau-santo) não condutora de electricidade, foi forrada por uma película de ouro fino do que resultou um aproveitamento da electricidade

---

<sup>1</sup> Por todos, Isidore Epstein, rabino, na obra *Judaísmo*, da Editora Ulisseia, Lisboa, na colecção Livros Pelicano, sem indicação do ano; no original, *Judaism - A Historical Presentation*, 1959, da editora Penguin Books, Ld.<sup>a</sup>, Middlesex, Londres, na pág. 16 da edição portuguesa.

estática pela Arca que funcionava como um conjunto "pilha/condensador", este próprio para reter e potenciar a energia obtida. Moisés foi, assim, precursor dos físicos Volta e Faraday com um avanço de 3000 anos.

Numa apreciação global do livro, pode dizer-se que contém alguma fantasia, aliás assumida. Igualmente positivo é a transcrição de muito saber, quer científico quer em humanidades - pelo que sou levado a afirmar que a obra será enriquecedora de qualquer biblioteca pessoal.



